

CAPOEIRA E ESPIRITUALIDADE

(Texto produzido para o debate no evento Viva a Tradição Viva – março/2021)

Mestra Cristina

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que, na minha concepção, capoeira não é religião, mas prática altamente espiritualizada, que traz em sua dinâmica elementos ritualísticos que organizam e preparam todo o ambiente que envolve a realização coletiva de uma roda de capoeira.

(Desejo aqui abrir parênteses para dizer que a relação africana com o Sagrado, o culto aos orixás, não se enquadra, propriamente, no termo religião, no sentido de um corpo que busca religar-se ao cosmo. Dentro da cosmovisão africana, esta ligação nunca se desfaz porque é inerente a vida e não necessita de uma doutrinação ou de uma terceirização desta relação com o Sagrado. O que não significa que as lideranças que organizam e mantêm vivos estes saberes nos terreiros sejam dispensáveis, muito pelo contrário, são mestres e mestras que pelo seu conhecimento magístico nos orientam e dão suporte para acessarmos nossos poderes, nossos propósitos. Mas para entendimento geral, vou aqui usar os termos religião, religiosa...)

Feita esta ressalva, retornando à relação entre capoeira e espiritualidade, sigo dizendo que a própria concepção do espaço da roda, a partir da geometria sagrada do círculo, circunscreve a ele um circuito de energia que se retroalimenta por todos os elementos que o constituem: instrumentos, canto, pessoas, espaço central da roda, louvações, ladainhas... nada aqui é deliberado, mas fundamentado em saberes afrikanos ancestrais e milenares.

Deste modo, tendo a afirmar a inseparável condição espiritual da capoeira, sem isto ela inexistiria. Mestre Pastinha já dizia que o verdadeiro capoeirista é aquele que se movimenta não pelo corpo, mas pela alma. Deixando explícita a condição primeira de entrega, que transcende o corpo físico, o visível, o tangível.

Por outro lado, a capoeira é, por excelência, uma ferramenta de auto expressão, pela qual o/a capoeirista imprime no jogo, ao praticá-la, suas vivências, suas emoções, suas subjetividades. Assim sendo, corporifica também sua relação com a espiritualidade, que pode passar ou não por um sentido religioso e que, talvez, seja

expresso em seus gestos, na forma como traduz e encara a ritualística, nas invocações ao pé do berimbau, no canto... Ou, talvez, faça da capoeira sua própria religião. O caminho escolhido, na verdade, não importa para o todo que a capoeira abarca.

No entanto, sob o ponto de vista do legado ancestral africano, podemos considerar, como bem disse M João Grande em uma entrevista, que a capoeira seja prima/irmã do candomblé e eu diria que de outras manifestações advindas deste contexto africano em diáspora. Portanto, alguns elementos ali presentes, que se confundem com esta prática religiosa, fazem parte do arcabouço, do chão onde foram plantadas suas raízes, sendo assim, fundantes desse saber. Digo isso para afirmar que a retirada destes elementos descaracteriza a capoeira na sua fundamentação visceral, além de corroborar com práticas racistas que tem como único objetivo aniquilar nossos processos identitários, desqualificando nossos saberes.

Há muito mais coisas existentes no solo sagrado da capoeira do que a limitação dos olhos possam enxergar e isto é realidade. Orun e ayê são uma única realidade, separadas apenas pela nossa limitação terrena, na experiência ocidentalizada e colonizadora. Você não precisa acreditar nisso para que esta realidade se faça presente; ela simplesmente está. Assim como você não precisa acreditar na existência do sol para que ele nasça a cada dia. Mas se você se banha na energia do sol, esta experiência penetra em camadas muito mais profundas.

Você pode viver a experiência da capoeira superficialmente; é uma questão de escolha, mas você pode querer vivê-la de forma mais profunda e isto passa pela espiritualidade, tendo você ou não uma religião. Tem coisas que nenhuma explicação lógica, retilínea, cartesiana irá traduzir, até porque a experiência é única para cada um/uma, ainda que o sol que nos banhe seja o mesmo.

Na minha experiência pessoal como capoeirista, minha religiosidade se faz presente. Invoco ancestrais, chamo por meus orixás, louvo meus guias. Antes da roda, preparo o espaço com zelo, como quem cuida do terreiro para que as entidades sejam bem recebidas e para que não haja nenhum curto circuito na relação com o sagrado. Acredito que a ritualística da roda ajuda a proteger cada um e uma que se ache para trocar energia, e mais, que possam sair melhores do que chegaram, graças ao

Sagrado. Mas esta é a minha experiência pessoal com a espiritualidade, não precisa ser a de ninguém mais que esteja ali presente, porque eu acredito que há muitas formas de se viver a espiritualidade. Entretanto, como mulher africana em diáspora, acredito que a espiritualidade, seja de que forma for, precisa ser experienciada por todos e todas, simplesmente porque é uma realidade presente em todos os seres vivos; e ela está ali, implícita na prática da capoeira, enquanto manifestação de nossa ancestralidade africana, desde que preservemos seus elementos fundantes.